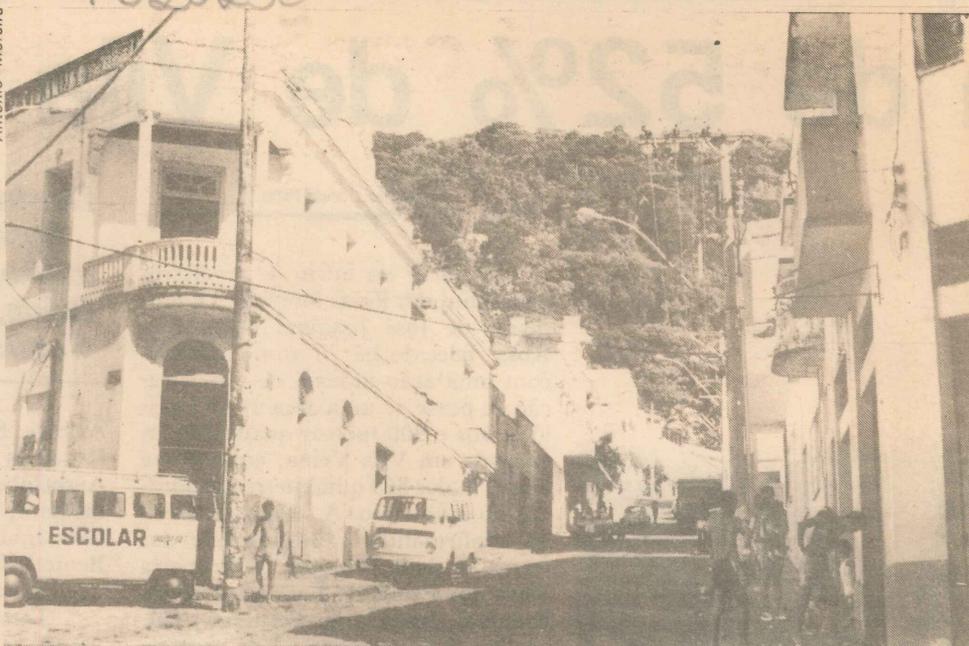


## RUAS DE VITÓRIA

Antonio Moreira



Idália ou "Maria" se diz a "guardiã" da rua Sete de Setembro onde há anos dorme no calçadão

# Rua Sete vive de lembranças

Nas décadas de 60 e 70 a rua Sete de Setembro foi o ponto alto do comércio capixaba, além de ser o local mais badalado pelos boêmios e pela juventude da capital. Apesar da criação de outros centros comerciais, como os shoppings da Praia do Canto de Vila Velha e Campo Grande, a Sete de Setembro continua com um bom comércio. Os comerciantes, no entanto, reclamam "da sujeira, do abandono e de vários desocupados que fazem ponto no calçadão".

Bancos, agências de viagens, academias de ginástica, lanchonetes, boutiques, salões de beleza, sorveterias, restaurantes, edifícios e casas residenciais e até um hotel ocupam a rua. Figuras lendárias como Idália Frizola Baldes, mais conhecida como "Maria", fazem da rua Sete um local descontraído e calmo, onde as pessoas ainda podem parar e bater um bom papo.

### CALÇADÃO

Morando e dormindo há vários anos no calçadão, Idália é conhecida

### Os moradores sentem saudades dos bares, do 'Diário', da boemia e de quase tudo que a rua tinha antes

tanto dos moradores quanto dos comerciantes locais. Com o cabelo curto e pintado de vermelho, ela chama a atenção de todos por ser comunicativa e alegre. "Não vou negar, gosto de uma cachaça e nunca vou deixar de beber, porque se eu parar com o álcool, morro". Ela se define como vigia da rua e revela: "todos os dias os policiais me dão dois comprimidos para não dormir. É o governador que manda eles me darem o remédio, porque no sábado os policiais não trabalham", contou confusamente.

Idália disse que mora na rua porque "é lá que ganha tudo". Se tivesse casa, argumentou, "morreria de fome". Para o proprietário da Sapataria a Jato, Marcos José Bandeira

Cruz, "há muita gente desocupada na rua Sete. Tem dia que não podemos nem abrir as portas", reclamou. A dona da Paris Modas acha que a prefeitura deveria limpar a rua, para que os turistas frequentassem mais o local.

Das ruas de Vitória, a Sete de Setembro é a mais contraditória, porque começa na 13 de Maio com um grande comércio e termina na entrada do Morro da Piedade, onde predominam pequenas residências, algumas construídas no início das décadas de 30 e 40.

Numa casa de tijolo inacabada, no número 13 da rua Sete, reside uma das moradoras mais antigas do local. Dona Marinha Silva, 78 anos, há 61 na rua, benze as pessoas e joga cartas. Ela diz que acalenta um grande sonho: "vender o lote e ir morar em Aparecida do Norte, São Paulo". Sua saudade maior, conforme contou, "é do jornal O Diário. Naquele tempo sim, a rua era mais importante".

## Entre histórias, beijos e encontros

Segundo o escritor Elmo Elton, falecido recentemente, a Sete de Setembro já foi um dia "a rua da Várzea". No seu livro "Logradouros Antigos de Vitória", ele explica que a rua "partia da Prainha (largo da Conceição) e terminava na rua da Capelinha (atual Coronel Monjardim), hoje se alongando até à Fonte Grande". Ela "foi por muitos anos residencial, com uma ou outra casa de negócio, inclusive a padaria de seu Menininho Pessoa, as construções mais expressivas datando do primeiro meado deste século, sendo que, a partir da década de 60, passou a ser também artéria de importância comercial".

A placa com a denominação de rua 7 de Setembro foi "colocada pelo prefeito Antônio Pereira Lima, em 1922, quando das comemorações do centenário da independência do Brasil". Segundo Elmo Elton, "até o Governo de Florentino Avidos, que a sancionou, apresentava constan-



O calçadão ainda é um local para um bom bate-papo

tes problemas, qualquer aguaceiro a deixava totalmente alagada, pondo em sobressalto seus moradores. A Prefeitura de Vitória tinha sede aí, em construção sólida, de aspecto agradável, projeto do arquiteto J. Pitilick".

### DEMOLIDO

"Esse prédio, tão apreciado pelos Vitorienenses", informa Elton, "foi demolido, sem justa razão, por determinação do senhor Chrisógono Teixeira da Cruz, então prefeito da cidade". As famílias

que fizeram história na Sete de Setembro são "os Abaurre, Grijó, Proença, Pacheco, Pinto, Maurer, o historiador Mário Aristides Freire e André Carloni". O cronista Fernando Tatagiba, segundo Elmo, "assíduo frequentador dessa artéria", escreveu sobre o desaparecimento da lanchonete Sete.

"Após quinze anos de lirismo e de luzes, a Lanchonete Sete fechou definitivamente suas portas. Em seu interior - por mais de uma década - aconteceram inúmeros encontros e desencontros, beijos na frente ou no horizonte, solitários encostados nos balcões, uma mulher esperou alguém que não veio. A moda que perdurou longo tempo, talvez se encerre agora, fechando um ciclo", escreveu Tatagiba.

Revoltado com a descaracterização de Vitória, ele escreveu ainda: "agora um banco, uma sapataria, lojas, ou um buraco transformará tudo: o painel antigo desaparecendo e com ele a mudança da cidade num lugar lúgubre, cada vez mais desumano e irreconhecível. Sobrarão os escombros de Tubarão, o odor da Aracruz Celulose, o estalido do esteleiro, um pedaço do Penedo, as ruas sujas.